

## VALORES FRANCISCANOS QUE ILUMINAM A CASA FONTE COLOMBO NO CUIDADO DAS PESSOAS COM HIV

**Valori francescani che illuminano la Casa Fonte Colombo nella  
cura delle persone con HIV**

Cristiane Saraiva Marins<sup>1</sup>

---

◆

**Resumo:** Em meados do século XIII, Francisco ensina os demais frades a conviver entre as pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigavam pela rua (RnB 9). Segundo seu biógrafo, Francisco passa a ter uma “afeição” pelos pobres, “ama os pobres de maneira especial” (2Cel 8). Esta relação com os pobres e leprosos mostrou a Francisco que outro mundo é possível e que não basta viver pela busca do ter e do poder, mas sim pelas relações humanas. Seguindo os passos de Jesus, os Freis Capuchinhos também se inspiraram nos passos de Francisco para aprender a conviver com as pessoas com HIV e Aids, sabendo que a maioria delas passaram a ser insignificantes, desprezadas, a partir da descoberta da doença, além de muitas serem pobres, doentes, dependentes de atenção e cuidado. Diante do modo de viver de Francisco, entre os excluídos de Assis, quais os valores franciscanos que iluminam a Casa Fonte Colombo a estar entre as pessoas vivendo com Aids? Qual a sua verdadeira contribuição no contexto atual?

**Palavras-chave:** Francisco de Assis; Excluídos; Aids; Capuchinhos; Casa Fonte Colombo.

**Riassunto:** Verso la metà del secolo XIII, Francesco d’Assisi orienta gli altri frati a vivere tra le persone insignificanti e disprezzate, tra i poveri, i deboli, gli ammalati, i lebbrosi e quelli che mendicavano per strada (RnB 9). Secondo il suo biografo, Francesco ha un “affezione” verso i poveri, “ama i poveri in un modo speciale” (2Cel 8). Questo rapporto con i poveri e i lebbrosi ha mostrato a Francesco che un altro mondo è possibile e che non è sufficiente vivere alla ricerca dell’avere e del potere, ma bisogna vivere per le relazioni umane (David Flood). Seguendo le orme di Gesù, i frati cappuccini si ispirano ai passi di Francesco anche per imparare a convivere con persone affette da HIV e AIDS.

---

<sup>1</sup> Graduada em Administração, Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas (Dom Bosco) e em Espiritualidade Franciscana (ESTEF). Colaboradora na Casa Fonte Colombo.

Sono consapevoli che la maggior parte di loro diventa insignificante ed è sprezzata dalla scoperta della malattia, oltre al fatto che molti sono poveri, malati, carenti d'attenzione e di cure. Di fronte allo stile di vita di Francesco, tra gli esclusi da Assisi, quali valori francescani illuminano la Casa Fonte Colombo per essere tra le persone che vivono con l'AIDS? Qual è il suo reale contributo nel contesto attuale?

**Parole chiave:** Francisco d'Assisi; Esclusi; AIDS; Cappuccini; Casa Fonte Colombo.

## Introdução

A espiritualidade de Francisco de Assis encantou a sociedade de sua época e encanta até hoje. Seus escritos, biografias e outros documentos permitem reviver sua esperança, sua sensibilidade, suas intenções, seus sonhos e sua fé. Todos os que se depararam com sua espiritualidade, são tocados e fascinados por sua simplicidade, compreensão fraternal e caridade. Para o Papa atual, Francisco de Assis, de quem assumiu o nome, é um modelo belo e motivador, sendo exemplo de cuidado para com tudo o que é frágil, manifestando sua atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados (LS 10).

No tempo de Francisco de Assis, a Baixa Idade Média, os pobres e abandonados pela sociedade eram principalmente “leprosos”, doença que hoje conhecemos por hansení-

se, que com os avanços da medicina, deixou de ser motivo de exclusão social. No entanto, as exclusões sociais persistem. Na contemporaneidade há muitos excluídos que elevam um clamor por sua causa de exclusão. O mais difícil e doloroso é o sofrimento da solidão em que vive o excluído. Esta dor só acaba quando uma mão se estende na direção da margem, quando se faz amiga, cuida e dá carinho, por meio da compaixão. Entretanto, ter compaixão não é sentir pena do outro. Compaixão é aceitar a condição do outro para si e juntos buscar transformar essa realidade.

Francisco foi o filho primogênito de Pedro Bernardone – comerciante de tecidos e detentor de várias terras em Assis e arredores – e Dona Joana – mulher doce e modesta (2Cel 3), de origem francesa, mais conhecida por Pica. Francisco adquiriu o espírito para os negócios do pai e, da mãe, a sensibilidade, cordialidade e ternura. Como era de costume, aprendeu a ler e escrever (latim) com os textos bíblicos, por intermédio dos ensinamentos dos Cônegos de São Rufino, junto à igreja de São Jorge (1Cel 23; LM 15,5). No entanto, teve maior influência do francês devido os ensinamentos de sua mãe.

Como todo e qualquer jovem de sua época, Francisco tinha o desejo de ir em busca de riquezas e grandezas e

se inscreveu para a Guerra na Apúlia. Mas a vida lhe guardava outros tipos de grandeza. Ao chegar a Espoletto, adoeceu, a febre tomou conta de seu corpo e viu seus sonhos desabarem. No dia seguinte, ao retornar a Assis, causou uma grande decepção em seus pais e uma agitação na pequena cidade (SABATIER, 2006, p. 106).

Entretanto, uma mudança significativa estava por acontecer. Nem ele, nem sua família entendiam seu comportamento estranho, raro, extravagante, inusitado, desvairado, esquisito e muitas vezes original. Alguns biógrafos relatam que, muitas vezes, enchia a mesa de pães para que sobrasse e fosse dado aos pobres (LTC 9). Oferecia suas vestes quando não tinha outras coisas à mão para doar. Visitava com frequência os leprosos, prestando serviços de humildade e humanidade para com eles (LM 1,6).

Francisco passou por situações e vivências que contribuíram para um novo significado existencial. No encontro com os pobres, ele foi ao encontro da sua própria fragilidade. Ao encontrar os pobres, sobretudo os leprosos, ele pode compreender o sofrimento mais profundo da alma e do corpo, tanto na sua pessoa como na pessoa dos outros, segundo Manselli (1997, p. 44). Nesse caminho, Francisco se tornou um excluído da sociedade de seu tempo, não pela le-

pra, mas pela renúncia ao modelo de vida social e cultural que era imposto pelo *status quo*.

É neste contexto de inserção entre os excluídos que se pretende compreender a presença dos Freis Capuchinhos entre as pessoas vivendo com HIV e Aids, através do Centro de Convivência Casa Fonte Colombo.

De uma maneira muito similar aos leprosos, as pessoas que vivem com Aids também são excluídas desde o surgimento da doença. Diante do modo de viver de Francisco, entre os excluídos de Assis, quais os valores franciscanos que iluminam a Casa Fonte Colombo a estar entre as pessoas vivendo com Aids? Qual a sua verdadeira contribuição no contexto atual?

### **Francisco e os Leprosos**

Para a sociedade da Idade Média, “o leproso representava um elemento estranho, irrecuperável, repulente; a projeção física de todos os males que a sociedade queria afastar de si...” (MICCOLI *apud* DESBONNETS, 1987, p. 25). Os leprosos carregavam uma bactéria letal, físico e moral (CROCOLI, 1997, p. 62). Eram a categoria social mais excluída de todas. Eram pobres, feios, cheiravam mal, tinham uma doença

contagante, que deformava o corpo e levava à morte inevitável.

Nesta época, existia uma prática religiosa que reforçava a exclusão social dos leprosos. Ao identificar que um familiar tinha lepra, o sacerdote era chamado para fazer um rito religioso semelhante ao de exéquias. A partir deste momento, o leproso era conduzido ao leprosário e nunca mais poderia sair. Nessa condição, eram cancelados todos os direitos civis e passavam a ser considerados como ‘mortos-vivos’. A justificativa para tal ação era a interpretação literal de normas da Sagrada Escritura (Dt 24,8-9; Lv 13-14) onde a doença estava associada ao pecado, aos erros cometidos e à impureza, por isso era necessário evitar contato para não se tornar impuro.

Francisco se sentia mal ao olhar para esses excluídos, não só pelos aspectos negativos acima citados. Mas, sobretudo, porque não podia se manter indiferente ao sofrimento alheio. Em Assis, os cidadãos tratavam os leprosos como objetos de horror. Para se proteger do contágio, recusava-se a reconhecer a humanidade deles, considerando-os como homens mortos (FLOOD, 1986, p. 41). Por isso, Francisco se aproxima deles com profunda convicção teológica, no sentido de que os leprosos são a imagem e semelhança de Cristo (CANONICI,

1999, p. 379), atingido pelo pecado do mundo, por ele punido e marginalizado (Mt 10,8; 8,17).

Entretanto, nem todos os hagiógrafos fazem a mesma leitura da experiência vivida por Francisco junto aos leprosos. Na “Primeira Vida” de Tomás de Celano e na Legenda dos Três Companheiros, a aproximação aos leprosos foi entendida como uma vitória pessoal em relação ao sentimento de repulsa: “[...] num certo dia encontrou um leproso e, superando-se a si mesmo, aproximou-se e beijou-o” (1Cel 17,4). “E porque se acostumara a ter muito horror de leprosos, fazendo violência a si mesmo, desceu do cavalo e ofereceu-lhe uma moeda, beijando-lhe a mão” (LTC 11,4).

São Boaventura, assim como Celano na Segunda Vida (2Cel 9,9-11), interpreta o fato como se Francisco não tivesse encontrado um leproso de verdade, mas sim, Cristo que aparecera naquela forma: “[...] E como o leproso lhe estendesse a mão, ele depositou uma moeda com um beijo. E subindo imediatamente no cavalo e voltando-se para todos os lados em redor, não viu absolutamente aquele leproso” (LM 1,5,1-4).

Outros escritos que se referem aos primórdios, narram como se os leprosos só tivessem feito parte do início da vida de Francisco: “Abra-

sava-se também de grande desejo de voltar aos primórdios da humildade para servir aos leprosos, como no princípio” (LM 14,1,4; 1Cel 103,8; Jul 77,4).

Outros escritos, como a “Compilação de Assis”, “Espelho da Perfeição Maior”, “Regra não Bulada”, “Testamento”, mantêm a afirmação de que é por intermédio da convivência com os leprosos que Francisco e os frades colocam em prática os fundamentos da santa humildade e da sublime pobreza, através do cuidado com suas chagas, úlceras e feridas (Jul 12,2; LM 2,6,3-5); da hospedagem nos leprosários durante as viagens (2Cel 98,4; CA 65,2; 2EP 59,2) e também da moradia nas leprosarias (CA 9,2-3; LP 22,3; 2EP 44,3). E quando começou a crescer o número de frades, Francisco quis que eles morassem nos hospitais de leprosos, para os servirem e que os noviços vivessem seu período de teste vocacional entre estes excluídos.

A “Regra não Bulada” reconhece a existência e os direitos humanos fundamentais de muitos excluídos, entre eles os leprosos, ao afirmar que os irmãos deveriam alegrar-se, “quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua” (Rnb 9,2).

Contudo, a vida que Francisco

sonhara para a Ordem está destacada no seu Testamento. Para Sabatier, o Testamento é um “monumento de uma autenticidade incontestável e que é a manifestação mais solene de seu pensamento [...] Sua humildade é de uma sinceridade que se impõe; é absoluta, sem que se pense em julgá-la exagerada” (2006, p. 341). É o único documento que expressou sua verdadeira relação com os leprosos. Escrito às vésperas da morte, é uma luz para os irmãos de Francisco:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo (TEST 1-3).

No Testamento se tornou mais evidente a experiência de Francisco através da humanidade e pobreza vivida com os mais excluídos da sociedade medieval. Pode-se dizer que os leprosos proporcionaram a Francisco uma inversão total de valores existenciais e reais, uma vez que a honra, projeção social, riqueza, fama, status perderam o sentido. O amargo se transformou em doçura de corpo e alma.

Segundo Flood, os frades, ao se solidarizarem com os leprosos em suas maiores necessidades, se posicionavam a favor deles e contrários à cidade de Assis, que lhes negava tudo, inclusive a dignidade: “Ele e seus frades sabiam-se de outra raça humana, diferente dos favorecidos membros do sistema social de Assis e de outras comunas” (1986, p. 41). Francisco compreendeu por experiência própria que era possível viver fora do único mundo que existia. Deixou-o, se deslocou para a margem a fim de acabar com a marginalização, bem como com toda forma de violência social estabelecida em relação aos últimos (CROCOLI, 2015, p. 49).

### **Dos leprosos aos PVHA**

Para melhor entendermos os fundamentos franciscanos no cuidado das Pessoas Vivendo com HIV e Aids (PVHA), é preciso buscarmos inspiração nas origens franciscanas e adaptá-las aos sinais do nosso tempo.

De maneira muito semelhante à lepra nos séculos XII e XIII, a epidemia de HIV e Aids configurou uma situação difícil para a sociedade em fins do século XX. Uma doença sem cura, sem tratamento, de pouco conhecimento e que rapidamente levava à morte. Não havia perspectiva de vida, bem pelo contrário, existiam

muitas incertezas do que seria viver com a doença. Sentimento de culpa, medos, superstições, preconceitos, mistérios, estavam intrinsecamente ligados à doença, à dor, ao sofrimento, à discriminação, ao desgaste físico, psíquico e mental. Certos aspectos de caráter religioso, maldições ou castigos divinos, ainda hoje revestem as representações de saúde e doença. O medo e a culpabilidade sempre participaram da relação do ser humano com a doença, influenciando os aspectos culturais, históricos e sociais. Como afirmou Le Goff, “a doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades” (1997).

A título de exemplo, pode-se trazer presente trechos de uma Carta escrita por um dos notáveis defensores dos direitos humanos no Brasil, Herbert de Souza, popularmente conhecido por Betinho, sabidamente HIV+ desde 1986, que escreveu ao presidente de Cuba (1992), em uma ocasião que teve conhecimento do tratamento que estava sendo dado às PVHA, que viviam no país: “[...] Soube que os doentes são levados aos hospitais como doentes de Aids, separados de suas famílias, do trabalho,



de suas atividades”. O que leva a crer que estes doentes estavam sendo segregados da sociedade pelo Estado e transformados em presos políticos da epidemia. Políticos porque não existia razão médica, científica ou bom senso que justificassem prender doentes de Aids com o intuito de prevenir a propagação da epidemia (*Apud* PANDOLFI; GAZIR; CORRÊA, 2012, p. 200). Este foi um dos casos registrados, que teve repercussão mundial. Mas situações como estas, e até piores, aconteciam no Brasil e em outros países sem divulgação nos meios de comunicação. Todavia, Herbert finaliza dizendo: “A Aids não é mortal, mortais somos todos nós. A Aids terá cura, e o seu remédio hoje é a solidariedade”.

Realidades próximas a estas foram vivenciadas por Francisco e seus irmãos na Idade Média com as pessoas excluídas da sociedade e da Igreja. E para quem vive o carisma e a espiritualidade franciscana, pode encontrar esta solidariedade no “Testamento”, onde Francisco expressa os valores originários, que nortearam sua existência e dos primeiros companheiros. É nele que buscaremos inspiração para encontrar os principais valores franciscanos para o cuidado das pessoas vivendo com HIV e Aids, juntamente com outras fontes franciscanas e estudiosos sobre o tema.

“E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles” (Test 2). Francisco permanece com os leprosos, dá o melhor de si e, à medida que convive na mesma casa, começa a tratá-los com a mesma dignidade, percebe seus sofrimentos, seus medos, suas limitações, tal como suas dores impostas pela doença. Ele foi capaz de criar relações fraternas e solidárias com aqueles que não tinham importância para sociedade (CROCOLI, 2014, p. 25). No tocante à Aids, as feridas e as dores das pessoas afetadas pelo HIV também não são provocadas pelo vírus somente, mas por outras causas diversas, sobretudo a discriminação e o preconceito. Atualmente, para estar entre os excluídos da sociedade é preciso ir além, assim como descreve Aizpurúa: “hoy la misericordia tiene el rostro de la justicia y de la dignidad” (2004, p. 61), constatação muito pertinente para o contexto da epidemia da Aids.

No “Testamento”, está bem claro que Francisco viveu uma experiência profunda de fé em Deus gerada no cotidiano humano. Nas fontes franciscanas, muitos são os momentos de Francisco entre o convívio com os excluídos e o recolher-se com frequência para grutas, onde permanecia dias em oração (1Cel 10-6; 2Cel 9,1; LTC 12,3;16,9-10; LM 2,2,2). O que salta aos olhos é que a fé de

Francisco pressupõe solidariedade. Solidariedade que se torna um modo de vida, um modo de ser, uma verdadeira configuração existencial.

Para Crocoli, a solidariedade como modo de ser é o estado de quem se sente constante e profundamente interpelado pelo sofrimento e pelas necessidades dos outros (2004, p. 17). A fé e a solidariedade são fundamentais para quem se descobre com Aids e precisa enfrentar uma luta diária entre viver ou morrer, especialmente numa sociedade tão excludente. Estar nesta situação limite e ter a graça de sentir a presença de uma mão amiga, um abraço, um sorriso, um consolo, é sem dúvida oferecer uma perspectiva nova de vida.

Pode-se constatar que Francisco e seus irmãos, ao optarem por viver entre os excluídos, se tornaram ‘menores’ como eles. O que leva a entender que viver a fraternidade na minoridade nada mais é que uma forma de viver uma igualdade de relações, sem considerar as categorias sociais impostas pela sociedade. Nesta igualdade de relação, é preciso encontro, “pois só no encontro o homem pode celebrar e concelebrar, viver e conviver, amar e compartilhar” (MERINO, 1999, p. 103).

A partir da “Regra não Bulada” (9,2), é possível dizer que Francisco e seus irmãos, além de valorizarem

o encontro com os excluídos, precisavam ser como Jesus e alegrar-se ao “conviverem entre as pessoas insignificantes e desprezadas, entre pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua”, mas acima de tudo precisavam resgatar seus direitos. Atualmente, a mesma relação precisa ser feita no encontro com as PVHA, principalmente aquelas que não têm o que comer, o que vestir, onde dormir, que são discriminadas pela sua raça/cor, orientação sexual e ainda possuem Aids. Como diz Crocoli: “Não existe fraternidade autêntica sem a solidariedade concreta para com todas as pessoas e criaturas” (2014, p. 31).

Nesta perspectiva, Francisco passa a ser compreendido como uma pessoa extremamente envolvida e preocupada com os outros, pelo fato de ter Jesus Cristo no seu coração. E a resposta mais adequada, para estar diante daquele que sofre, pode ser a própria experiência de Jesus. Ao longo dos Evangelhos, observa-se a atitude de Jesus em relação aos doentes: cura a sogra de Pedro, tirando-a do leito onde sofria, fazendo com que voltasse a desempenhar suas funções (Mc 1,29-31); reintegra ao convívio social um leproso (Mt 8,1-4); devolve o direito de ir e vir a um paralítico (Lc 5,17-26); modifica a situação de quem está marginalizado, de quem



está fora da estrada, à beira do caminho, da sociedade (Mc 10,46-52).

A partir da tradição bíblica pode-se entender a doença como uma oportunidade para aproximação com Deus, reconhecendo nossa fragilidade e dependência, considerando que entre o ideal e o real existe uma longa distância (GUIA DO AGENTE, 2013, p. 64). Jesus não questiona a quem lhe pede auxílio, não culpa, não justifica o sofrimento pelo pecado. Jesus simplesmente se solidariza com o sofrimento, tem compaixão e liberta o ser humano de sua dor. Jesus expressa com seus gestos e palavras que o Pai não quer o sacrifício de ninguém, Ele quer misericórdia.

Diante dessa misericórdia do Pai, concretizada no Filho, Francisco de Assis e seus irmãos defendem a inclusão de todos os excluídos, libertando-os para a vida digna. E é com fé, compaixão, solidariedade, esperança e paz que pessoas de boa vontade se somam aos Freis Capuchinhos do RS para contribuir no cuidado das pessoas vivendo com HIV e Aids.

### **Casa Fonte Colombo: Resposta Franciscana à Aids**

A preocupação com a epidemia da Aids começou na década de 1980, quando os primeiros casos foram noticiados no Brasil. Pouco ou nada se

sabia desta doença, a não ser que o diagnóstico positivo era uma morte anunciada.

Com o passar dos anos, mesmo com os avanços tecnológicos e científicos que possibilitaram o conhecimento das formas de transmissão do vírus de uma pessoa para outra, ainda perdurava o estigma, o preconceito, a discriminação e a consequente marginalização – familiar e social – de pessoas que se descobriam com HIV.

A Igreja Católica esteve presente desde o início da epidemia, através da acolhida e do cuidado, oportunizando uma morte digna às pessoas acometidas pela doença. É neste contexto que surgiu a Casa Fonte Colombo, na intenção de contribuir no resgate da dignidade da pessoa, lutando contra a discriminação e o preconceito, buscando a solidariedade de Deus com a humanidade e de São Francisco com os doentes e excluídos.

Inspirados na vida de São Francisco de Assis, os frades escolheram o nome “Fonte Colombo” devido a um pequeno vilarejo, no Vale de Rieti, na Itália, onde Francisco submeteu-se ao tratamento médico por causa de uma doença nos olhos. Foi nessa ocasião que o Santo ensinou aos frades o modo de estar entre os doentes: “Irmãos, suportai sem enfado o desconforto e a fadiga que vos dá a minha doença. O Senhor por mim, seu

pobre servo, vos recompensará neste mundo e no outro das boas obras que tivestes de abandonar para cuidar de mim” (LP 47,2).

Além disso, a Fonte Colombo é conhecida como o “Santuário da Regra”. Segundo Uribe (1997, p. 211), é na Regra que está a inspiração para os frades da forma de viver o espírito de oração, minoridade, fraternidade, trabalho, serviço. A Regra deve ser a concretização mais imediata das exigências evangélicas no seguimento de Jesus Cristo. E no século XX, no sul do Brasil, em Porto Alegre, a Casa “Fonte Colombo” tornou-se fonte de esperança, fonte de vida! Um lugar onde a Regra pode ser colocada em prática, todos os dias!

Inaugurada em 30 de novembro de 1999, o Centro de Convivência está localizado no bairro Floresta, em Porto Alegre/RS. Segundo Frei Luiz Carlos Lunardi, coordenador e um dos fundadores da Casa Fonte Colombo, atualmente, o trabalho é realizado com a colaboração de três funcionárias, três frades e 47 profissionais voluntários. Durante o ano de 2018, 342 usuários (pessoas com HIV e Aids que frequentam a instituição) participaram das atividades oferecidas na mesma. A maioria é de Porto Alegre (301 pessoas de 60 bairros diferentes). Os outros são de 10 municípios da Região Metropolitana.

Todos os serviços são organizados de forma que a pessoa possa ser bem acolhida, orientada e encaminhada de acordo com sua necessidade, seja para o serviço de saúde, assistência social, seja para órgãos de direitos humanos e cidadania, de forma incondicional e gratuita. A obra social funciona como um centro de convivência e atua como referência e contrarreferência da rede de saúde. Trabalha em parceria com os programas de Aids municipal, estadual e federal, e com diversas Organizações Não Governamentais e instituições ligadas ao controle da epidemia (Boletim nº 46, 2018, p. 2). Suas atividades perpassam 4 pilares: prevenção, assistência, reestruturação dos laços familiares e reinserção social. A incidência política é transversal a estes pilares.

No que diz respeito à prevenção, primeiro pilar, a instituição proporciona informações adequadas e atualizadas para evitar o contágio com HIV, infecções sexualmente transmissíveis, doenças oportunistas. O intuito é também minimizar atitudes de discriminação e preconceito em relação às pessoas com Aids. Estas informações são propagadas através de palestras em empresas, escolas, universidades, paróquias e grupos interessados na temática; publicações de materiais informativos; cursos de capacitação

para novos voluntários e agentes da Pastoral da Aids do RS que desejam contribuir na contenção da epidemia; participação nas Romarias diocesanas do RS; Ações Comunitárias de incentivo ao diagnóstico precoce para HIV, Hepatites Virais e Sífilis, nos bairros de periferia de Porto Alegre e Vigília pelos mortos de Aids.

Em relação ao segundo pilar, o *acompanhamento das PVHA*, muitas delas, além de portar o vírus, também são portadoras de medo, de solidão, de abandono, de agressividade, de rejeição, de desprezo, de falta de informação, de dores físicas e psíquicas, de fome, miséria material, afetiva e cultural. Para amenizar estes sentimentos e situações de vulnerabilidade social, são oferecidos diversos atendimentos, tais como: psicológico, médico, de enfermagem, massoterapia, massagem relaxante, reiki, corte de cabelo, higiene pessoal, alimentação, doação de roupas e utensílios para casa. Na Revista alusiva aos 15 anos de atividade da Casa, muitos relatos demonstraram a importância destes atendimentos para as PVHA, como por exemplo, o depoimento de Julio André (2014, p. 6): “Estava em situação de rua. A Casa foi um apoio na hora certa. Hoje já tenho meu próprio espaço para viver. Gosto de vir. Formei um círculo de amizades”. E da Tatiana (2014, p. 15): “[...] Foi Deus

que me enviou. A Casa me mostrou como viver com HIV sem preconceitos, para poder cuidar dos meus filhos como antes [...] Vi que a vida é bela e eu sou uma pessoa igual às outras”.

O terceiro pilar, *reestruturação dos laços familiares e comunitários*, tem a intenção de favorecer a integração, humanização das relações, a socialização, crescimento pessoal para os usuários da Casa e aos seus familiares. Para isto a instituição oferece um espaço de convivência, grupos de adesão ao tratamento e formação humana, visitas domiciliares e hospitalares, oficinas de humanização, espiritualidade, autoestima e motivações pessoais, bem como uma confraternização de final de ano, a festa natalina. No que se refere à visita no hospital, Sabatier (2006, p. 112) comenta que Francisco precisou ver doentes abandonados nos leprosários para compreender quanta alegria pode gerar uma palavra de afeto ou simplesmente um olhar em uma visita aos doentes nos hospitais. Partindo do princípio que a Aids afeta não só a pessoa com o vírus, mas sim, todas as pessoas que fazem parte de seu convívio, é de extrema importância manter o vínculo ou proporcionar uma aproximação maior com quem considera ser seus familiares, como pode ser compreendido nas falas dos portadores do HIV: “A Fonte Colombo me faz tão bem que faz nove meses que não me interno em hospital

psiquiátrico. Quando fui internada os freis foram me visitar, fiquei muito feliz” (Cátia, 2014, p. 20). Para Nádia (p. 21), o momento da descoberta foi muito difícil: “Cheguei aqui bem para baixo, chorando. Descobri a doença por acaso. Achei uns exames do meu marido. Fui no hospital da PUC e descobri que tinha até tuberculose. Vim para fazer o TRI (isenção do transporte municipal) e fiquei...Gosto do convívio com as pessoas. Tudo é muito bom”. Beatriz (p. 7) expressa seu desabafo: “Ganhei a oportunidade de viver melhor e me ver como sujeito da minha própria vida. Gosto dos amigos que cultivo há anos, das dicas de saúde, direito das pessoas vivendo com HIV”.

E o último, não menos relevante, bem pelo contrário, muito desafiador, é a *reinserção social*. A intenção é promover a reinserção dos soropositivos HIV no mercado formal ou informal de trabalho e o acesso às políticas públicas de assistência social e de saúde em vista de sua autossustentação. A importância é a de combater a morte social, ou seja, a situação de alguém que não conta mais para a sociedade, alguém que a sociedade ignora ou faz questão que desapareça (Boletim nº 4, 2001, p. 1). A Casa encaminha para cursos e oportunidades de qualificação profissional para gerar trabalho e renda, tanto para rede de atendimento dos serviços públi-

cos quanto para ação social da Igreja Católica. Além disso, encaminha à EPTC – Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre -, a documentação para confecção de carteiras de passe gratuito às pessoas doentes de Aids. Às pessoas vivendo com HIV que não têm critérios para isenção de transporte público, graças a parceria com a Política de Aids da Secretaria Municipal de Saúde, são doados vales-transportes.

Para que tudo isto aconteça, a instituição mantém ligação com os serviços públicos estabelecendo relações de referência e contrarreferência. Por outro lado, ocupa espaços de controle social, como a Comissão de DST Aids do Conselho Municipal de Saúde, Comitê de Mortalidade da Aids, Fórum de ONGs Aids do RS, Conselho Municipal de Assistência Social, Pastorais Sociais para acompanhar as políticas e incidir sobre elas, a fim de garantir que elas atendam as necessidades da população acompanhada na Casa Fonte Colombo. Para garantir a capacitação necessário que permita participar efetivamente destes espaços de Controle Social, por isso, anualmente é feito o Seminário Nacional de Incidência Política aberto aos agentes da Pastoral da Aids – CNBB de todo o Brasil.

Como afirma Frei José Bernardi no Boletim da Casa Fonte Co-

lombo nº 21, a intenção é colaborar. Este é o desejo desde o início da obra social. Colaborar para que as pessoas consigam realizar o tratamento, acessar os serviços, melhorar a sua qualidade de vida e encontrar razões para viver, pois ninguém vive sem objetivos, sem sonhos (2007, p. 2). É nesta perspectiva que Miriam, PVHA que participa da Casa, ao fazer a leitura do livro *Corcunda de Notre Dame*, faz a experiência de espelhar-se na história, assim contada por ela:

Muitas vezes nós somos que nem o Quasimodo (personagem principal). Porque somos soropositivos e pensamos que somos monstros e que somos diferentes das outras pessoas. Mas não é assim, pois não é porque adquirimos um vírus que somos diferentes. Quasimodo se achava monstro pela sua aparência... Atrás daquela aparência feia, havia, porém, um ser humano com sentimentos e caráter. E nós que temos HIV também somos humanos, temos sentimentos e o preconceito existe, mas não em nós. Temos que nos cuidar, tomar os medicamentos e fazer adesão para ter qualidade de vida e conviver com as pessoas que nos rodeiam (Boletim nº 34, 2012, p. 3).

A Casa Fonte Colombo é a atualização do carisma de São Francisco, que trocou a riqueza para viver entre os leprosos de Assis. Esta é uma marca franciscana vivenciada na Obra Social dos Capuchinhos: estar inseri-

do no meio dos que mais necessitam, como preconizam as Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos:

A exemplo de São Francisco, que teve grande compaixão para com os pobres, e também dos iniciadores da Fraternidade Capuchinha, que deram assistência aos empestados, vivamos ao lado dos irmãos carentes, principalmente dos enfermos, disponíveis de todo o coração a prestar-lhes um serviço fraterno (108,3).

Juntamente com voluntários e colaboradores, escutar o grito das pessoas com HIV e Aids, para juntos empenhar-se por transformações sociais profundas que conduzam a um novo tipo de sociedade capaz de superar a exploração do ser humano e revelar a força política da dimensão do cuidado. Cuidado este que provoca preocupação, inquietação e ao mesmo tempo, sentido de responsabilidade (BOFF, 2017, p. 103).

### **Considerações Finais**

Na experiência de inclusão entre os excluídos vivenciada por Francisco de Assis, pode-se compreender o sentido franciscano da presença dos Freis Capuchinhos entre as pessoas vivendo com HIV e Aids. De uma maneira muito similar aos leprosos, as pessoas que vivem com Aids também

são excluídas desde o surgimento da doença. Para estabelecer esta relação, faz-se necessário perceber quais os valores franciscanos que iluminam a Casa Fonte Colombo a estar entre as pessoas vivendo com Aids.

Entre eles estão a fé e a solidariedade. Valores fundamentais para quem se descobre com Aids e precisa enfrentar uma luta diária entre viver ou morrer, especialmente numa sociedade tão excludente. Por outro lado, a fé sem obras é morta (Tg 2,17), por isso, a importância dos frades, voluntários e colaboradores de transformar a fé em atitudes solidárias. Estar nesta situação-limite e ter a graça de sentir a presença de uma mão amiga, um abraço, um sorriso, um olhar acolhedor, é sem dúvida oferecer uma perspectiva nova de vida. É colocar-se a serviço das PVHA com coração solidário do jeito de São Francisco.

A fraternidade vivenciada na minoridade foi demonstrada por Francisco e seus irmãos ao optarem por viver entre os excluídos e tornaram-se 'menores' como eles. O que leva a entender que viver a fraternidade na minoridade nada mais é que uma forma de viver uma igualdade de relações. E nesta igualdade de relação, para existir uma relação é preciso encontro, pois só no encontro o homem pode celebrar e concelebrar, viver e conviver, amar e compartilhar. E

são proporcionados muitos encontros desde o instante que chegam na Casa Fonte Colombo até o momento de ir embora. O encontro com os freis, com as/os voluntárias/os da acolhida, da enfermagem, das massoterapias, do reiki, do corte de cabelo, da psicologia, da higiene pessoal, do espaço de convivência, da alimentação e também o encontro entre pares, entre as pessoas vivendo com HIV e Aids. Sem falar no momento em que conseguem encontrar-se consigo mesmo e com Deus. E dentro desta fraternidade nenhum irmão deve ser mais do que o outro, mas todos serão menos sem o outro. Todas as pessoas envolvidas nesta obra social são importantes e completam uns aos outros, pois, não existe fraternidade autêntica sem a solidariedade concreta para com todas as pessoas e criaturas.

Seguir os passos de Jesus é outro valor franciscano que ilumina a instituição, pois Jesus não questiona a quem lhe pede auxílio, não culpa, não justifica o sofrimento pelo pecado. Jesus simplesmente se solidariza com o sofrimento, tem compaixão e liberta o ser humano de sua dor, apenas fazendo uma proposta: vá em paz, viva em paz, semeie a paz e siga o caminho que leva a Deus. Jesus expressa com seus gestos e palavras que o Pai não quer o sacrifício de ninguém, Ele quer misericórdia.



Diante dessa misericórdia do Pai, concretizada no Filho, Francisco de Assis e seus irmãos defendem a inclusão de todos os excluídos, libertando-os para a vida digna. E é com fé, compaixão, solidariedade, esperança e paz que pessoas de boa vontade se somam aos Freis Capuchinhos do RS para contribuir no cuidado das pessoas vivendo com HIV e Aids.

Contudo, em relação à contribuição da Casa Fonte Colombo no contexto atual da epidemia da Aids, além de proporcionar a vivência dos valores franciscanos que são fundamentais para uma fraternidade universal, pode-se afirmar que a instituição tem uma grande participação no resgate da dignidade da pessoa, pois tanto os freis quanto os voluntários e usuários entendem que a exclusão, o estigma, o preconceito e a falta de solidariedade são piores que a doença. Por isso é fundamental continuar colaborando para que as pessoas consigam realizar o tratamento, acessar os serviços, melhorar a sua qualidade de vida e encontrar razões para viver.

A Casa Fonte Colombo também vai ao encontro das pessoas vivendo com Aids, seja nas suas casas, seja nos hospitais, assim como São Francisco e seus irmãos iam ao encontro dos excluídos da sociedade medieval. Não obstante, chegam pessoas com HIV, que bem ou mal,

conseguem ir até a instituição, dando talvez, o primeiro passo para o recomeço de suas vidas. Mesmo que seja um pedido de socorro frente a um futuro, num primeiro momento, incerto, é uma oportunidade que a Casa tem para valorizá-las e reconhecê-las como seres humanos e de proporcionar um espaço com relações fraternas e solidárias. Esta valorização faz com que alguns se sintam capazes de ajudar o próximo a cuidar da sua saúde, por intermédio da participação nas ações comunitárias – atividades de incentivo ao diagnóstico precoce para HIV que acontecem, principalmente, nos bairros de periferia de Porto Alegre. Eles têm a oportunidade de serem agentes da Pastoral da Aids e atuarem ativamente na prevenção, acompanhamento das PVHA e controle social. Algo que deve ser motivado, mais do que nunca, ao considerar o contexto político atual. É preciso somar forças para continuar contribuindo, ativamente, na incidência política e controle social para manter os direitos humanos fundamentais e a justiça social.

Enfim, assim como diz Frei Luiz Carlos Lunardi, “O sonho máximo seria que não houvesse mais novas infecções, nem óbitos e que pudéssemos cuidar com dignidade das pessoas que estão infetadas com HIV” (*apud* OLIVEIRA, 2017).

## Referências

- AIZPURÚA, Fidel. **Y los traté con misericordia (Test 2)**. Una lectura social del icono del abrazo del Hermano Francisco con el leproso. Selecciones de Franciscanismo, v. 33, Fasc I, n. 97, pp. 47-62, 2004.
- BERNARDI, José; REGIANI, Rafael. Viu-o e Moveu-se de Compaixão. Em: BERNARDI, José e BERNARDI, Osman Miguel (Orgs.). **Prevenção combinada para HIV: acompanhando sua implementação**, Nova Friburgo: Pastoral da Aids, n. 8, pp. 67-84, 2018.
- BIBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CASA FONTE COLOMBO. **Boletim Casa Fonte Colombo**. Porto Alegre, nº 4, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Boletim Casa Fonte Colombo**. Porto Alegre, nº 21, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Boletim Casa Fonte Colombo**. Porto Alegre, nº 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Boletim Casa Fonte Colombo**. Porto Alegre, nº 46, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Revista 15 anos da Casa Fonte Colombo**. Porto Alegre, 2014.
- CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenações eos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco. Porto Alegre: ESTEF, 2014.
- CROCOLI, Aldir. **A Herança de Francisco de Assis: leitura de seu Testamento**. Porto Alegre: ESTEF, 2015.
- \_\_\_\_\_. Os “leprosos”, fonte de alegria? **Cadernos da Estef**, Porto Alegre, n. 18/1, pp. 61-73, 1997.
- \_\_\_\_\_. O Cristo solidário de Francisco. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre, n. 32/1, pp. 16-34, 2004.
- \_\_\_\_\_. Valores Franciscanos fundamentais. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre, n. 53/2, pp. 21-36, 2014.
- DESBONNETS, Theophile. **Da Intuição à Instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987.
- FLOOD, David. **Frei Francisco e o Movimento Franciscano**. Petrópolis: Cefepal, 1986.
- FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis: Vozes e FFB, 2014.
- FRANCISCO, Papa. **“Laudato Si”**: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

- LE GOFF, Jacques. Uma história dramática. Em: LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1997, pp. 7-8.
- LEPROSO. In: CANONICI, Luciano. **Dicionário Franciscano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 376-382.
- MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes e FFB, 1997.
- MERINO, J. Antônio. **Humanismo Franciscano**: Franciscanismo e o mundo atual. Petrópolis: FFB, 1999.
- OLIVEIRA, Renato. **Minidocumentário Pastoral da Aids, Casa Fonte Colombo**. Ministério da Saúde. Porto Alegre, 10 maio 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/XaysStpVBoI>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- PANDOLFI, Dulce; GAZIR, Augusto; CORRÊA, Lucas (Orgs.). **O Brasil de Betinho**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012. Disponível em: <<http://www.ibase.br/obrasildebetinho>>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- PASTORAL DA AIDS. **Guia do Agente**. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids – CNBB, 2013.
- SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista: São Francisco/Instituto Franciscano de Antropologia, 2006.
- URIBE, Fernando. **Pelos Caminhos de Francisco de Assis**. Petrópolis: FFB, 1997.